

INVENTÁRIO *Lilás*



REALIZAÇÃO



DES. ORLANDO DE ALMEIDA PERRI
SUPERVISOR

DR. GERALDO FERNANDES FIDELIS NETO
COORDENADOR

COMISSÃO EDITORIAL:

Alianna Cardoso Vançan
Gabriel Salazar Curty
Maria Fernanda Daltro Caseiro
Rosângela Rocha
Gislene Maria Brun
Elizabeth Machado Gomes De Oliveira

Apoio:

Sibeli Nardoni Roika
Fabiana Magalhães
Patrícia Cristina Bachega Soares
Alceu Munz de Ávila
João Rodrigo Venuti da Costa
Anderson Augusto

Agradecimentos:

SECRETARIA ADJUNTA DE ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA SAAP/SESP-MT

SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍTICA PENITENCIÁRIA SPP/SAAP/SESP-MT

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO NAS PRISÕES - NEP SPP/SAAP/SESP-MT

**COORDENADORIA ESTADUAL DA MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA E FAMILIAR NO ÂMBITO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA
DE MATO GROSSO - CEMULHER**

GRÁFICA TJ/MT

**AGRADECEMOS A TODAS AS DIRETORAS E PROFISSIONAIS DAS UNIDADES
PENAIIS FEMININAS DO ESTADO DE MATO GROSSO, EM NOME DE:**

**MARIA GISELMA DA SILVA
PENITENCIÁRIA FEMININA ANA MARIA DO COUTO MAY**

**FRANCISKELY CAMPOS MOREIRA
CADEIA PÚBLICA DE CÁCERES**

**ADRIANA SILVA DUARTE QUINTEIRO
CADEIA PÚBLICA DE NORTELÂNDIA**

**SILVANA LEITE LOPES
CADEIA PÚBLICA DE RONDONÓPOLIS**

**WILLIAN MARIA
CADEIA PÚBLICA DE COLÍDER**

**TATIANE ALVES MOURA
CADEIA PÚBLICA DE NOVA XAVANTINA**

Sumário

APRESENTAÇÃO	05
A ESCRITA TERAPÊUTICA	06
TRECHOS DAS CARTAS	07
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	19
TIPOS DE VIOLÊNCIA	20
VIOLÊNCIA SEXUAL	21
OUTROS CRIMES DE CUNHO SEXUAL	22
A LEI MARIA DA PENHA E A PROTEÇÃO À MULHER	23
POR QUE A LEI SE CHAMA MARIA DA PENHA?	24
FUI AGREDIDA, O QUE DEVO FAZER?	25
EXAME DE CORPO DE DELITO	26
FLUXOGRAMA	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28

Apresentação

O Inventário Lilás nasceu da ideia de dar visibilidade às histórias de violências vividas por mulheres em situação de privação de liberdade em Mato Grosso. As memórias foram expressas em cartas escritas pelas recuperandas que se interessaram pelo projeto, eram alfabetizadas e que passaram por uma oficina de capacitação em escrita.

Fruto da parceria entre Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Penitenciário e Socioeducativo (GMF-MT), Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do TJMT (Cemulher-MT) e voluntários, o projeto visa estimular o debate sobre a possível relação entre o envolvimento de mulheres em algum tipo de delito e o histórico delas como vítimas de violências e abusos.

A escolha pelo formato de cartas vai além da necessidade de documentar as memórias, dar visibilidade ao tema ou conscientizar a sociedade sobre a importância de denunciar a violência de gênero. O ato da escrita se assemelha a um processo terapêutico, que possibilita externar emoções e conflitos, sem pressão ou medo de julgamentos.

Inventário Lilás faz referência ao Agosto Lilás, que por sua vez remete ao mês de sanção da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que visa proteger a mulher da violência doméstica e familiar. Boa Leitura!

A escrita terapêutica

A terapia da escrita é uma forma de terapia expressiva que usa o ato de escrever e processar a palavra escrita como terapia. Estudos mostram que escrever o que está sentindo diminui gradualmente os sentimentos dos traumas emocionais, por exemplo.

Estudos da psicologia demonstram que escrever pode ser benéfico de diversas formas, auxiliando na autoconsciência e no desenvolvimento pessoal, como forma de externar suas emoções, conflitos, expressar seus sentimentos, liberar emoções, revisitar o seu eu, auxiliando no processo de individualização de cada Ser humano.

Neste sentido, nas oficinas realizadas optamos por utilizar o gênero textual “carta”, por utilizar uma forma simples de comunicação, além de ser um recurso lúdico, prático e criativo.

Exercitar a escrita reflexiva oportuniza a conscientização de que a escrita é libertadora, compreendendo a importância de compartilhar histórias de violência contra mulheres entendendo que o ato de escrever auxilia na cura de quem escreve e também de quem lê.

Rosângela Rocha

Mestre em Educação UNEMAT, Professora da educação básica e contadora de histórias, facilitadora das oficinas de escrita no Projeto Inventário Lilás).

Trechos das Cartas

Marli

Karla

Janaína

Sandra

Gabriela

Tatiana

Karen

Fernanda

Esther

Keli

Girlaine

“Nunca é tarde para seguirmos em frente”

Marli



tive um filho
aos 14 anos de
idade, esse filho que
eu tive, o pai nunca foi
presente, sempre quando eu
falava para ele me ajudar
quando estava grávida, ele nunca
se importou em me ajudar (...)
quando logo que ele nasceu tive que dar
ele por falta de condições para cuidar, isso
mexeu muito com o meu psicológico, sem falar que
quando eu estava gestante tive ainda que passar por
várias surras que meu ex me deu, mas isso me deixou ainda
mais desorientada, fui para as ruas porque eu não tive um lar,
sofri muito. Logo conheci as drogas (...) o que mais mexe com
meu psicológico é que me sinto culpada com o exemplo da mãe que
passei aos meus filhos. Hoje meus três filhos se encontram presos (...) as
vezes penso que as pessoas olham para a gente com o olhar inferior, porque
não sabem o que eu passei (...) abandonada pela família, pela sociedade
esperando que um dia nós mulheres sejamos reconhecidas pela sociedade Brasileira
penso e tenho projetos em mente. Nunca é tarde para seguirmos em frente (...).”

Cada dia que se passa eu não me conheço mais, todos os dias a mesma coisa, nada mais me satisfaz tenho ódio e rancor, mágoas no meu coração é difícil de viver lembrando das agressões. Não consigo controlar meu eu, só sente essa mesma dor, quem com ela viveu, ou melhor conviveu” (...) “Um homem vivia em nosso lar junto de minha mãe e meus irmãos, bebia muito nas festas no final de semana. Uma família aparentemente tranquila, até esse “covarde” chegar bêbado dentro de casa. Esperou minha mãe dormir, e entrou em ataque, deitada senti uma mão grande deslizando em meu corpo fiquei assustada e logo me levantei, acendi a luz e ele estava nú, enrolado na toalha da mesa querendo abusar de mim. Falei para minha mãe ela não quis acreditar em mim, tinha apenas nove anos. Não demorou muito minha mãe pegou ele no ato, só que dessa vez com minha irmã de sete anos”. “Isso só atrasou minha vida com meus doze anos entrei na vida perdida, comecei

*a
u
s
a
r

d
r
o
g
a
s

pra tentar esquecer, me afundei no mundo do crime e até hoje nele fiquei, já estou presa pela quarta vez. Hoje tenho 26 anos me encontro privada de liberdade mais sei que não é o fim”.*

Janaina

“por eu não ter me libertado do vício estou presa novamente”

Gabriela

“Depois que voltei a morar com minha mãe verdadeira, ela com esse novo casamento tinha emprego ele também e assim os anos foram passando, minha irmã que morava conosco começou a ter atitudes estranhas. Ela arrumou um emprego na casa de uma mulher que não queria mais vim pra casa, lá ela ficava, se afastou de nós um pouco, ela só aparecia quando o marido da mãe - nosso padrasto - não estava. Eu nessa época tinha em torno de 5, 6 anos foi quando começou os assédios comigo as visitas no meu quarto de madrugada as passadas de mão, minha irmã com 18 anos e eu com 13, 14 não me recordo bem. Minha irmã contou pra mãe que ela queria ir embora. Minha mãe perguntou o motivo que era, porque o nosso padrasto a assediava, constrangia, ameaçava e ela não

aguentava mais tudo isso, minha mãe ficou sem chão, sem ação, entrou numa depressão profunda, isso também aconteceu comigo fiquei pensando será que eu conto que ele fazia comigo também, não, não posso minha mãe já está sofrendo o bastante”. (...) “Sem saber o que fazer comecei a ter amigas que fumavam maconha e foi assim que encontrei a forma de esquecer esses problemas até que chegou o tempo que a mãe brigou comigo porque eu não parava em casa aí eu estorei contei que tudo que aconteceu com a minha irmã também aconteceu comigo, naquele momento eu vi eu matei minha mãe, matei da pior forma, ela ficou tão mal mais tão mal que ela não comia, ela não banhava ela só chorava, e eu me afundei, fumava maconha toda hora como se fosse cigarro”. (...) “Foi quando vim presa pela 1º vez, peguei uma sentença de 8 anos por ser ré primária, fiquei 8 meses presa, hoje em 2021 por eu não ter me libertado do vício estou presa novamente”.



“(…) minha vida nunca foi fácil; fui abandonada por minha mãe aos 2 anos de idade nunca tive muita convivência com meu pai, fui criada pelas minhas avós com muita dificuldade (...) aos 15 anos de idade conheci um rapaz na escola, começamos a namorar mais devido eu ser muito nova, meu pai não aceitou o relacionamento, por ser adolescente e rebelde (...) até que um certo dia fugi de casa para a casa dele pensando que iríamos ser mais felizes sem a pressão contra da minha família.

Mas eu estava enganada (...), ele não era o homem maravilhoso que ele aparentava ser, muito pelo contrário ele era usuário de drogas, agressivo. Após 4 anos casada com ele, tive o mais belo presente do mundo, minha filha, que hoje tem 8 anos de idade; achei que após a chegada da nossa filha ele se tornaria uma pessoa melhor. Eu estava novamente

enganada, ele se tornou pior, me agredia, chegou a quebrar o meu nariz, era muito controlador, não gostava que eu usasse qualquer tipo de roupa, se eu passasse batom e ele falava assim ‘ta se arrumando pra quem sua puta’, então fui ficando exausta com essa situação mais era obrigada a suportar pois achava que minha família não me aceitaria de volta, ainda mais com uma filha pequena, (...) continuei a viver com ele, as agressões eram constantes, parávamos na delegacia direto, então comecei a ficar triste pois já não aguentava mais aquela vida, entrei em depressão, fiquei acamada devido a uma cólica de rins. Foi aí que minha família viu que realmente eu estava precisando de ajuda, foram me buscar na casa dos pais dele e fui pra casa da minha mãe.

Mais não deu muito certo, pois eu e minha mãe temos gênios (...). Foi aí que entrei no obscuro mundo do crime sem saber que as consequências desse mundo são cruéis, entrei nessa vida para dar um sustento para minha filha mais nunca havia pensado nas consequências, hoje eu estou aqui longe da minha filha (...).”

Karen

Esther

“O tempo foi passando, onze, doze, treze anos onde tudo mudou, meu pai foi ficando cada vez mais violento, em quase todas as brigas com a mamãe ele batia muito nela, crescemos presenciando essas agressões, por varias vezes eu e o meu irmão tentávamos ajudar a mamãe, de nada adiantava, apanhávamos junto, e isso só parava, quando você vovó interferia para ajudar a mamãe”. (...) “Eu perdi a noção do horário. Cheguei em casa quase 22:00 horas, meu pai bebia quase todos os dias, e nessa noite ele estava me esperando muito nervoso, Na inocência de criança entrei sorrindo, mas a alegria foi embora quando começaram os gritos e xingamentos do meu pai, apesar de eu estar acostumada com as surras rotineiras que levávamos, naquela noite foi horrível, ele me xingava de nomes pesados, dizia que não tinha criado filha pra ser vagabunda, e junto com os palavrões que me assustava e me doía alma, muitos socos, chutes me acertavam, lembro que meus irmãos choravam aos gritos pedindo para ele parar de me bater, mas ele não ouvia, eu chorava em silêncio por não entender o porque de tanto ódio nos olhos do meu pai”. (...) “Minha mãe chegou do trabalho, minutos depois que começaram as agressões, ao se deparar com aquela cena, ela se jogou em cima do meu pai para fazê-lo parar, logo depois você chegou vovó, e como sempre fazia, me abraçou. Minha mãe foi logo arrumando nossas coisas, lembro bem vovó quando a senhora me abraçou e disse que nos amava e que logo tudo ficaria bem. Mas não ficou. Fomos morar em uma peça grande com um banheiro pequeno,

minha mãe não tinha dinheiro suficiente para arcar com todos os gastos. Meu irmão com 12 anos começou a trabalhar vendendo picolé e eu cuidava de casa e do meu irmãozinho de 4 anos, depois comecei a fazer alguns bicos para ajudar a minha mãe, por muitas vezes eu perdia o sono e via a mamãe chorando em silêncio, eu pensava em sumir para sempre, me culpava por todo aquele sofrimento que a minha mãe e meus irmãos estavam passando”. (...) “Com 15 anos tive meu primeiro relacionamento, nem cheguei a fazer 16 anos e já estava grávida do meu primeiro filho mais velho, aquele homem que eu achava que me protegia virou meu agressor, as agressões começaram na gravidez e foram quase 5 anos de muitas brigas, os motivos eram cada vez mais banais, ciúmes, festas, drogas, etc. Diversas vezes ele me deixava sozinha em casa, e passava dias sem aparecer, como pude me deixar levar por tantas coisas ruins, meu coração doía, a esperança de construir uma família foi destruída pelas drogas”. (...) “Comecei um relacionamento com um traficante muito conhecido, até então foi tranquilo, até ele começar com crises de ciúmes possessivos, ele não me agredia fisicamente, mas me trancava dentro de casa e me proibia de falar com as pessoas. Eu usava drogas constantemente, agora não precisava nem sair de casa pra conseguir as substâncias, quase não dormia, eu queria sair dali, mais não tinha forças pra me livrar daquela situação”



Eu me lembro que passei a minha infância trabalhando e sou a mais velha de meus irmãos e não tenho estudo, foi uma infância sofrida, minha mãe e meu padrasto bebiam muito e se tornavam muito agressivos, eu não fui uma criança danada, mas fui muito castigada". (...) "Tanto a minha mãe quanto o meu padrasto me batiam muito era com socos, murros, cabo de vassoura, fio de luz, cinto, o que aparecesse na frente deles, eu era uma criança e não entendia por que tanto ódio". (...) "Já com meus 10 anos de idade meu padrasto começou a abusar de mim sexualmente, contei para minha mãe e levei uma surra, pois ele disse que eu estava mentindo. Ele continuou abusando de mim por mais uns 4 anos, já cansada e com nojo daquela situação resolvi contar de novo para minha mãe, pois já não suportava mais aquele homem me batendo e me estuprando sempre que ele queria. Me passei por mentirosa mais uma vez e apanhei". (...) "Era mais um casamento perfeito e meus filhos sempre passavam as férias comigo. Já tínhamos um tempo casados e numa dessas férias minha filha caçula com 6 aninhos me disse: mamãe o tio mexeu aqui. E me mostrou as suas partes íntimas.

Nossa foi horrível escutar aquilo, lembrei de tudo que passei na mão e meu padrasto. (...) "Conheci um rapaz, e me apaixonei por ele apesar de usar drogas e beber cachaça no começo do nosso

relacionamento ele era um homem bom, os anos foram se passando e ele foi mudando seu jeito de ser e de me tratar, percebi que estava gritando comigo me maltratando e quando me dei conta eu já estava apanhando muito dele. Eu nunca tive coragem de denunciá-lo. Eu gostava daquela adrenalina de vender drogas, era o máximo. Mas um dia a casa caiu, os vizinhos me denunciaram, meu marido estava trabalhando eu estava em casa sozinha e os policiais me me me levaram por tráfico de drogas eu estava com medo, pensamento a milhão, pois eu nunca tinha sido presa, somente meu marido que já tinha umas 10 passagens por tráfico. (...) "Depois de algumas horas na delegacia, meu marido apareceu lá e disse que não era para eu ficar apavorada que tudo ia dar certo e que ele não ia me abandonar, mas não foi assim que aconteceu. Passando alguns meses eu fui sentenciada 5 anos e 10 meses, no presídio ele nunca me visitou".





Depois que o nosso filho nasceu ele começou a ficar com ciúmes de mim brigava comigo, um dia ele me bateu que me deixou machucada.“ (...) "Estávamos bem sem brigar, em junho de 2003 o meu cunhado veio morar com a gente, foi quando ele voltou a brigar comigo, eu estava com 6 meses de gravidez quando ele me bateu de novo que pegou um banco de madeira e acertou minha cabeça, começou a sair muito sangue eu sai correndo para pedir ajuda. “ (...) "Em 2010 brigamos novamente foi nessa briga que ele quase me matou só não fez isso porque minha filha pediu para ele não me matar.“ (...) "Mas ele ainda continuava a jogar baralho apostado, não comprava nada para dentro de casa e para não ver meus filhos passarem fome comeci a pedir ajuda para as pessoas que eu conhecia pois ele com ciúmes não deixava eu trabalhar.



Sandra

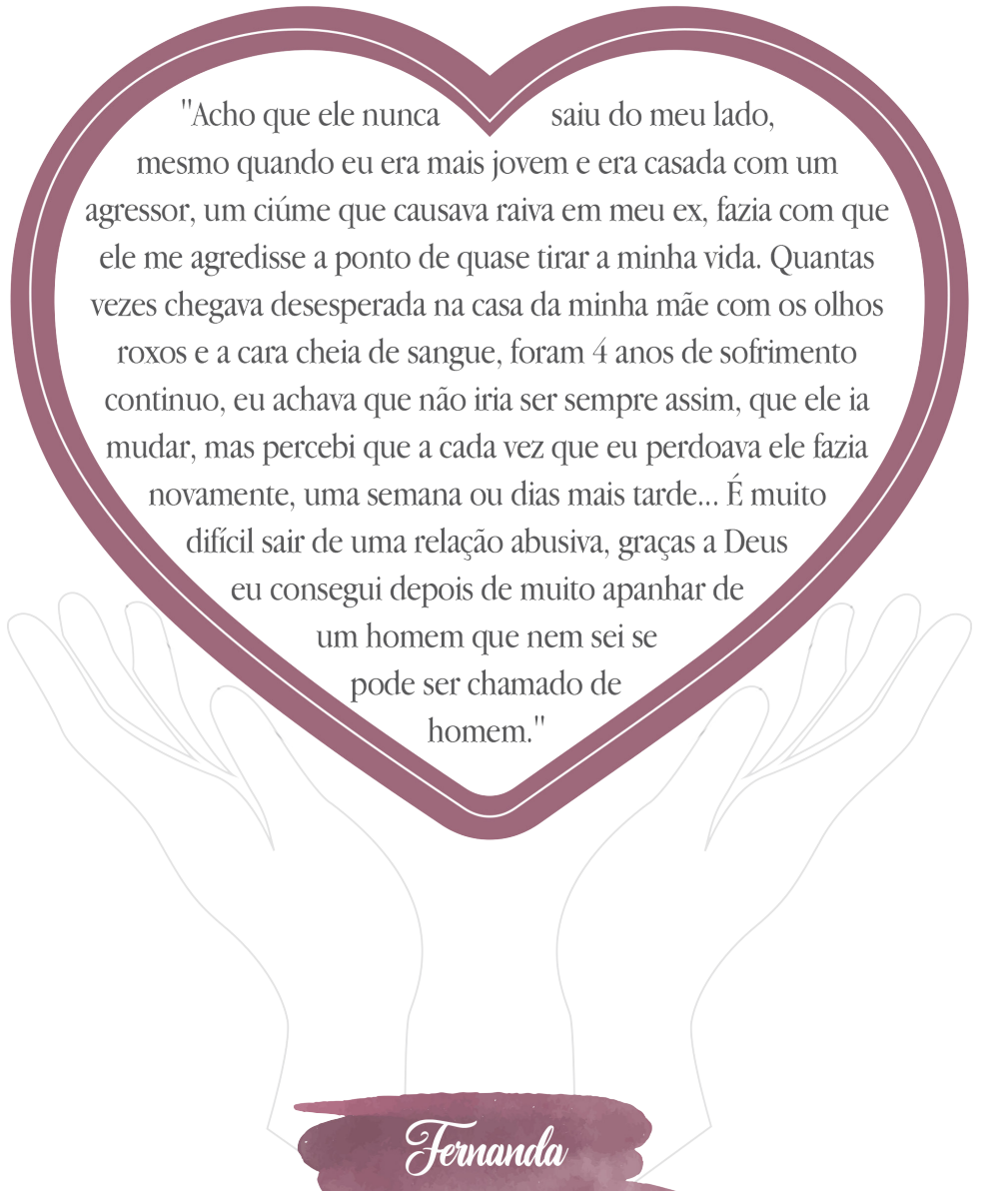
-(...)
Ficou a casa, e meus filhos e ele preso para eu cuidar como se não bastasse, meu marido começou a usar drogas na cadeira, quando ele não usava ficava bravo, ignorante, agressivo, qualquer coisa me batia, se eu estava errada apanhava, se eu estava certa apanhava do mesmo jeito. Eu tinha medo realmente eu tinha medo dele. Ele falava que se eu o abandonasse, que quando ele saísse da cadeira ele não iria me matar porque eu era mãe do filho dele, mas iria quebrar as minhas pernas e me deixar de cadeira de rodas. Chegou de falar isso até para minha mãe. “ (...) ”Numa noite de terça-feira bateram na minha porta eu perguntei quem era a pessoa respondeu que precisava de ajuda, eu abri porque conhecia a pessoa, era amigo do meu marido. Então ele entrou, estava com uma arma na mão eu falei o que está acontecendo? A pessoa foi na cozinha olhou foi no quarto das crianças, olhou, eu falei o que foi? Então me mandou ficar quieta, me levou para o quarto e fez o que bem quis e foi embora. Naquela hora deu nojo de mim, eu chorava, mas ao mesmo tempo eu agradecia a Deus porque foi comigo e não com meus filhos. Na quarta-feira eu fui visitar o meu marido eu ia contar mas fiquei com medo dele não acreditar em mim, porque quando ele estava na rua eu apanhava porque eu não gostava dessa pessoa e pedia para ele largar mão dessa amizade mas fazia era me bater.”

"MINHA VIDA
 ESTÁ UMA
 CONFUSÃO, PARECE QUE
 VOU MORRER A QUALQUER
 HORA, ESTOU SENTADA DO LADO
 DE FORA DA MINHA CASA DO LADO
 DO MEU PAI. JÁ É NOITE E MINHA MÃE
 ESTÁ NA ESCOLA COMO TODOS OS DIAS,
 MAS HOJE FOI DIFERENTE, MEU PAI ME
 CHAMOU PARA SENTAR NO COLO DELE E COMO
 UMA FILHA SENTE SEGURANÇA NO PAI
 EU FUI UMA SIMPLES CRIANÇA
 INDEFESA PARA O COLO DO PRÓPRIO
 PAI, ELE ME AGARROU E COMEÇOU
 A APALPAR MEUS SEIOS E ME
 FORÇOU A BEIJÁ-LO, NO MOMENTO
 NÃO ENTENDI NADA, SÓ PEDI
 PARA ELE PARAR, MAS NADA
 ADIANTOU ELE CONTINUOU A ME TOCAR E FOI POR
 ALGUNS MINUTOS, E LOGO ESSE PESADELO ACABOU"
 (...) "EU TINHA QUE IR, EU TINHA APENAS 7 ANOS DE
 IDADE QUANDO MEU PAI TENTOU ABUSAR DE MIM.
 CHEGUEI ATÉ O SERVIÇO DELE, ERA UMA CASA QUE
 ESTAVA SENDO CONSTRUÍDA POR ELE. CHEGUEI E
 ENTREGUEI O ALMOÇO DELE E VIREI E TENTEI IR
 EMBORA MAS ELE ME PEDIU PARA FICAR POIS TINHA
 COMPRADO UM REFRIGERANTE PARA BEBER E ERA
 PRA EU BEBER TAMBÉM FUI LOGO BEBER E COMER O
 BOLO QUE ESTAVA DENTRO DA CASA. MAS O QUE
 PARECIA MAIS UM DIA COMO OUTRO, FOI TERRÍVEL,
 POIS ELE CHEGOU POR TRAZ DE MIM E ME AGARROU.
 NÃO TIVE COMO CORRER POIS ELE ERA MAIS FORTE
 DO QUE EU, POIS EU ERA APENAS UMA CRIANÇA
 INDEFESA NADA PUDE FAZER. SOMENTE FIQUEI ALI
 SENDO TOCADA POR UM HOMEM QUE EU IMAGINAVA
 COMO MEU HERÓI. FORAM DIAS E DIAS DE
 SOFRIMENTO, E TODA VEZ QUE EU FALAVA PRA
 MINHA MÃE ELA NÃO ACREDITAVA E MANDAVA MEU
 PAI ME BATER." (...) "EU PERDI A VONTADE DE
 ESTUDAR, DE BRINCAR, SÓ QUERIA

SUMIR DA
 CASA DOS MEUS
 PAIS. (...) "COMECEI A
 SAIR DE CASA E APRENDI A
 INGERIR BEBIDA ALCOÓLICA"
 (...) "JÁ DISPOSTA A FAZER
 QUALQUER COISA PARA NÃO SER MAIS
 ABUSADA PELO MEU PAI, PASSEI A FICAR
 COM OUTROS HOMENS E JÁ NÃO IA MAIS PRA
 CASA FICAVA NA RUA, NA PRAÇA SEMPRE A
 ESPERA DE HOMENS VELHOS, PAGAVAM
 PARA PEGAR CRIANÇAS E USA-LAS EM
 TROCA DE SEXO, EU ME VENDIA A
 TROCO DE DINHEIRO PARA ME ALI-
 MENTAR E BEBER, FUI ME ENVOL-
 VENDO NAS PIORES VIOLÊNCIAS
 DO MUNDO PARA ESQUECER O QUE
 VIVIA EM CASA. JÁ COM 8 ANOS DE
 IDADE PELA PRIMEIRA VEZ EU FUI MORAR EM UMA
 BOATE, A ONDE TODO TIPO DE HOMENS IA FREQUEN-
 TAR, EM CADA NOITE EU ME ENVOLVIA PELO MENOS
 COM 15 A 25 CLIENTES . (...) "FIQUEI UM ANO
 MORANDO NA RUA DEBAIXO DA PONTE DO COXIPÓ.
 APRENDI FAZER PEQUENOS FURTOS PARA
 SOBREVIVER, E ME VENDIA PARA ME ALIMENTAR FOI
 MUITO HORRÍVEL, TIVE QUE FICAR COM PESSOAS DE
 TODO TIPO E LOGO VOLTEI A MINHA CIDADE JÁ MAIS
 GRANDINHA, COM 9 ANOS FIQUEI NA CASA DE UMA
 AMIGA, ME ENVOLVI COM UM HOMEM E ENGRAVIDEI
 DA PRIMEIRA FILHA QUE NASCEU MORTA. EU TINHA
 10 ANOS QUANDO TIVE ELA! COM 6 MESES QUE PERDI
 EU CONHECI O MEU MARIDO O QUAL FUI CASADA 12
 ANOS, QUANDO CONHECI PEDRO EU TINHA ACABADO
 DE COMPLETAR 11 ANOS E ELE 30 ANOS". (...) "ACHEI QUE TUDO FOSSE SER DIFERENTE QUE NUNCA
 MAIS IRIA SOFRER MAS COM UM ANO DE CASADA ELE
 SE MOSTROU OUTRA PESSOA, COMEÇOU A ME BATER
 E FAZER AMEAÇAS, FIQUEI SEM CH

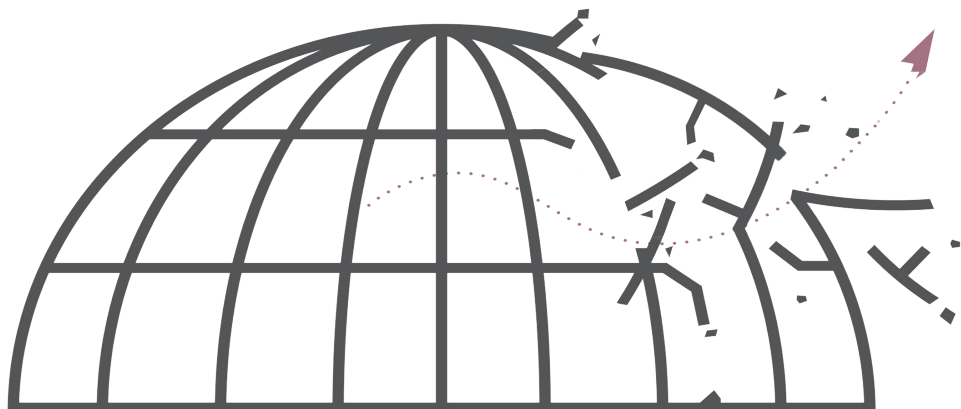


Tatiana



"Acho que ele nunca saiu do meu lado, mesmo quando eu era mais jovem e era casada com um agressor, um ciúme que causava raiva em meu ex, fazia com que ele me agredisse a ponto de quase tirar a minha vida. Quantas vezes chegava desesperada na casa da minha mãe com os olhos roxos e a cara cheia de sangue, foram 4 anos de sofrimento continuo, eu achava que não iria ser sempre assim, que ele ia mudar, mas percebi que a cada vez que eu perdoava ele fazia novamente, uma semana ou dias mais tarde... É muito difícil sair de uma relação abusiva, graças a Deus eu consegui depois de muito apanhar de um homem que nem sei se pode ser chamado de homem."

Fernanda



Queria tanto me desabafar com você, contar coisas que aconteceram comigo, não sei como falar, porque me dá um nó na garganta. E muito dolorido falar, mas preciso dizer para mim, sobre marcas profundas que ficou e traumas que carrego comigo até hoje. No entanto só tenho você para contar. Olha amiga quando eu tinha 5 anos de idade fui estuprada por conhecidos dos meus pais. Ele me falava se eu contasse para alguém ele ia me matar, os abusos sempre eram constantes (...) eu chorava doía muito e ele colocava a mão na minha boca, para gritar, nossa como é difícil dizer. Minha mãe certo dia foi me dar banho e percebeu algo errado comigo, ela me bateu fiquei toda machucada não tive culpa de ser estuprada só tinha 5 anos de idade. Cresci, me tornei jovem conhecia rapazes, mas vinha tudo aquilo na minha cabeça, pois comecei beber entrei no mundo da prostituição aos 16 anos casei e depois me separei, casei de novo com pai da minha filha de nove anos. Muitas vezes eu rejeitava, pois lembrava, tinha pesadelo com que tinha acontecido. Me separei, conheci outra pessoa tive outra filha, e sofria agressão física dele passou um tempo ele se envolveu no mundo do crime foi quando vim presa pela primeira vez.



Keli

A violência contra a mulher

A violência contra a mulher atinge indistintamente mulheres de todas as idades, classes sociais, raças e etnias, religiões e culturas, e ocorre em espaços públicos ou no ambiente doméstico.

Ela produz consequências emocionais devastadoras e impactos graves sobre a saúde mental, sexual e reprodutiva da mulher.



Tipos de Violência

VIOLÊNCIA FÍSICA

qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal da mulher.

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões.

VIOLÊNCIA SEXUAL

qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força.

VIOLÊNCIA PATRIMONIAL

qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

VIOLÊNCIA MORAL

qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Violência Sexual

O QUE FAZER SE SOFRER UM ESTUPRO?

Procure um hospital com atendimento especializado para vítimas de violência sexual, que oferecem atendimento de saúde física e psicológica, e registre boletim de ocorrência em uma delegacia.

O ideal é procurar atendimento médico até 72 horas após o estupro. A vítima precisa coletar sangue para verificar se contraiu alguma infecção sexualmente transmissível ou se há uma gravidez fruto da violência.

De imediato a vítima recebe medicamentos para prevenir infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). As mulheres em idade reprodutiva recebem também uma contracepção de emergência, a pílula do dia seguinte. Por isso o período de 72 horas é importante, porque quanto mais longe do contágio, menos efeito esses remédios fazem.

Ainda que esse prazo expire, a mulher deve buscar atendimento e fazer exames que identifiquem possíveis contágios de ISTs. Nesse caso, a vítima será encaminhada para tratamento. Se a violência resultar em gravidez, o aborto é permitido por até 22 semanas de gestação.

Outros crimes de Cunho Sexual

- fazer um procedimento no corpo de uma pessoa, com intenções sexuais, de modo a enganá-la;
- praticar o assédio sexual, quando uma pessoa se aproveita da sua posição de poder e faz uma investida amorosa ou sexual;
- mostrar as partes íntimas para alguém, com intenção sexual.



Lei Maria da Penha e a proteção à mulher

A Lei Maria da Penha protege todas as mulheres, independente de orientação sexual e idade. Ela garante proteção à mulher tanto de parceiros legais (maridos), como namorados, ex-namorados ou pessoas que não tenham vínculo de sangue com a vítima, como enteados, cunhados, familiares de criação ou conhecidos.

Quais os benefícios trazidos pela Lei Maria da Penha?

Os benefícios alcançados pelas mulheres com a Lei Maria da Penha são inúmeros. Entre os principais podemos destacar a criação dos Juizados Especializados em Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, as medidas protetivas de urgência que afastam o agressor da vítima, o reforço da atuação das Delegacias de Atendimento à Mulher, da Defensoria Pública, do Ministério Público e da rede de serviços de atenção à mulher em situação de violência, além das medidas de caráter social, preventivo e protetivo às vítimas.

Por que a Lei se chama Maria da Penha?

Maria da Penha Maia Fernandes foi alvo de duas tentativas de homicídio por parte do marido e ficou paraplégica. Foram mais de 20 anos de luta, com apoio de grupos de mulheres de todo o país, para que fosse feita a justiça. O caso se tornou um exemplo e por isso deram seu nome para a Lei nº 11.340, criada em 2006 para prevenir e punir a violência doméstica contra as mulheres.



Fui Agredida, o que devo fazer?

SE FOR EMERGÊNCIA (SITUAÇÃO GRAVE)

Procure uma Unidade de
Emergência

(Pronto Socorro ou Unidade de
Pronto Atendimento - UPA);

SE NÃO FOR EMERGÊNCIA (SITUAÇÃO GRAVE)

Procure uma Unidade Básica de
Saúde.

SE FOR UMA SITUAÇÃO DE PERIGO

Disque 190 - Polícia Militar
ou Disque 180 - Central de
Atendimento à Mulher.

PARA REGISTRO DE BOLETIM DE OCORRÊNCIA - BO

Você pode procurar uma
Delegacia de Direitos da Mulher
- DDM, em horário comercial.
No período noturno, finais de
semana e feridos, procurar a
Delegacia da Polícia Civil de
plantão. APÓS O REGISTRO
DO BO É NECESSÁRIO FAZER A
REPRESENTAÇÃO CRIMINAL NA
PRÓPRIA DELEGACIA.

Exame de Corpo de Delito

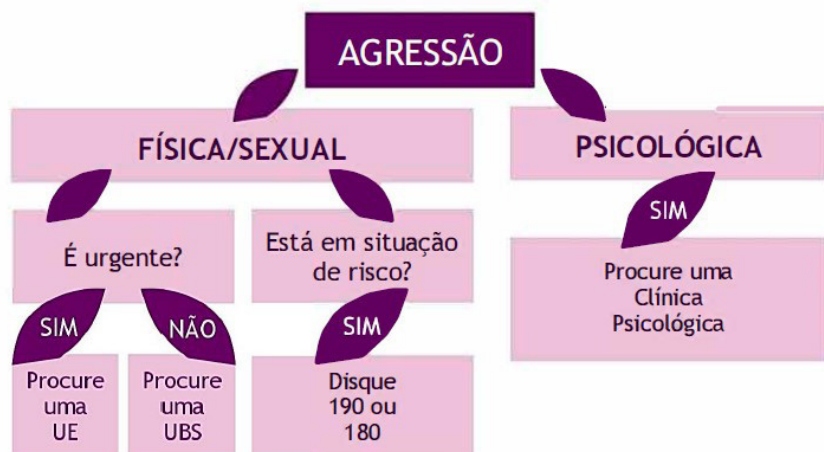
Para realizar exame de corpo de delito (comprovação dos ferimentos) junto ao Instituto Médico Legal - IML, você precisará de uma requisição expedida pela Delegacia de Polícia. Se for um atendimento emergencial é importante que a pessoa que sofreu violência permaneça do jeito que está. As roupas são importantes provas para ajudar a identificar o agressor, pois podem trazer vestígios como cabelos, sangue e esperma.



Orientações e Encaminhamentos Jurídicos

Processos penais, cíveis e administrativos são diferentes e podem ocorrer separadamente. É importante saber que se no penal for provado que a pessoa não cometeu o crime, ela pode não ser punida nos outros campos. Os procedimentos penais, cíveis e administrativos são independentes. No cível pode ser requerida uma indenização por danos morais/materiais. Para tanto, é preciso que a vítima procure um advogado para entrar com o pedido. No penal, ela deve procurar a delegacia ou advogado para iniciar o processo.

Fluxograma



Considerações Finais

Antes de tudo, importante destacar que: a presente Cartilha é um ato político!

Questiona-se: por que esta Cartilha é um ato político? Pois ela tem dois objetivos:

Dar ouvidos à mulheres encarceradas para falarem sobre suas dores, suas violências de gênero/doméstica sofridas; Informar sobre a violência de gênero/doméstica e como agir dentro dos aparatos e instrumentos legais.

Político, porque se busca trazer em seu bojo o “lugar de fala” dessas mulheres. O Projeto que resulta nesta Cartilha (Inventário Lilás), conforme foi apresentado anteriormente, está pautado no ato de “erguer a voz”, sendo este, na visão da saudosa bell hooks, como um ato de enfrentamento ao medo de manifestar-se para somar em um ato político de confronto ao próprio poder (social e/ou estatal). É a articulação do corpo (a voz), com a prática (a coragem) e a ética (compromisso com a dignidade humana), conforme prefacia na obra da bell hooks na edição brasileira, Mariléa de Almeida. Os trechos das cartas nesta Cartilha narrados, tratam-se de vozes erguidas, de mulheres ocupando seus lugares de fala, erguendo suas vozes.

E quando falamos de “lugar de fala” é estar socialmente situado em um local e falar a partir de como as circunstâncias te constitui como sujeito neste local e a partir dele.

Assim, a Cartilha contendo as narrativas é um ato político, à medida que se movimenta como prática política, no que nos apresenta bell hooks quando fala de amor. Não o amor puramente sentimental e abstrato que tratamos e conhecemos, aquele que supostamente nascemos e já temos o conhecimento de sua existência e sentimos uns pelos outros, mas um amor como prática ética, social, construído, adquirido, que enfrenta o medo e liberta a alma; como um ato revolucionário e contra o poder. Um amor entendido como estrutural social. Esta Cartilha evidencia exatamente essa voz, objetivando constituir um diálogo entre as falas e seus(as) leitores(as) desses locais de fala narrados, como um convite de enfrentamento ao desamor.

Em complemento a este primeiro momento de narrativas, continua a Cartilha sendo um ato político à medida que encaminha suas construções e considerações para o campo normativo, facilitando o acesso a informações importantes sobre a Lei Maria da Penha e todo o aparato legal e processual que as mulheres e os cidadãos podem recorrer em face das violências de gênero/doméstica contra as mulheres.

Trata-se de um material que busca de forma didática e ilustrativa traduzir esses instrumentos jurídicos, a fim de torna-los acessível e de fácil compreensão. Ou seja, tem um caráter orientativo para instruir o(a) leitor(a) sobre os caminhos jurídicos e ferramentas processuais aplicáveis frente a essas violências.

Assim, este material reforça a necessidade de olhar para este local, essas violências, essas vidas outras que sofrem simplesmente por serem MULHERES... leiam, ouçam, reflitam e compartilhem esse material. Contribua neste ato de amor, movimente este ato político. Ecoe essas vozes... Mas acima de tudo, ajude a lutar por essas voz, como um ato de amor, político, ético. Novamente, compartilhem esse material!

Gabriel Salazar Curty

Mestrando em Ciências Criminais (PUCRS), com bolsa integral da CAPES. Especialista em Direito Penal e Processo Penal. Graduado em Direito (UNEMAT). Membro do GPESC/PUCRS, GESEG/PUCRS e GEDIFI/PUCRS. Pesquisador Voluntário do GMF-MT.



**"Toda mulher tem direito a uma vida livre de violência ,
tanto no âmbito público como no privado"
(Art. 3º da Convenção de Belém do Pará)**

